

O PESO DA TRADUÇÃO, UMA APOSTA DIFÍCIL: UMA LEITURA EPISTEMOLÓGICA NO ÂMBITO DA TRADUÇÃO LITERÁRIA LÍNGUA PORTUGUESA/LIBRAS

Gabriel Vidinha Corrêa¹

Resumo: A descoberta do signo saussuriano na modernidade abala e ao mesmo tempo consolida noções significativas no âmbito linguístico-literário, criando uma arquitetura de sentidos que dão escopo à vida e às experiências da língua enquanto prática social e cultural. Nesse sentido, esse trabalho empreende-se em refletir sobre a repercussão do signo, sobretudo, no tocante à noção de valor enquanto categoria fundamental para tradução literária Língua Portuguesa/Libras. Assim, deve-se considerar que as fronteiras de uma língua para outra convocam práticas que subvertem o sistema linguístico e literário, principalmente por se tratar da passagem de uma língua oral para uma língua sinalizada, cujas representações estéticas se manifestam de formas distintas. Para tanto, recorreremos aos pressupostos de Jakobson (1979), Barthes (2004), Benjamin (2020), Ricoeur (2011), Sutton-Spence (2021) e Mourão (2016).

Palavras-Chave: Tradução Literária. Valor. Língua Portuguesa/Libras.

¹ Professor da área de Letras/Libras do Instituto Federal Baiano (IF Baiano). Doutorando em Crítica Cultural, linha de pesquisa em Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É integrante do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (Geplit/UFMA) e do Grupo de Estudos em Língua (gem) e Crítica Cultural (UNEB). Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel. E-mail: gabriel.vidinha@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

— Não, assim não.
Eu quero que me fale numa língua desconhecida.
— Desconhecida? — pergunta ele.
— Uma língua que não exista.
Que eu preciso tanto de não compreender nada!
("Línguas que não sabemos que sabíamos" — Mía Couto)

A descoberta do signo saussuriano na modernidade abala e ao mesmo tempo consolida noções significativas no âmbito linguístico-literário, criando uma arquitetura de sentidos que dão escopo à vida e às experiências da língua enquanto prática social e cultural. Isso porque o auge de sua teoria alça o signo a uma ideia que representa o fenômeno primordial da linguagem (SAUSSURE, 2002). Na mesma medida, as configurações do significado e do significante unidos pelo laço da arbitrariedade coloca as línguas na esfera da coletividade "necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consentimento geral" (SAUSSURE, 1979, p. 157). Essa reflexão nos remete às complexidades das línguas no seio da prática social e cultural enquanto organismos vivos, nas palavras de Heidegger não possuímos a língua, mas ela nos possui.

Nossa reflexão estende-se quando trazemos para esse cerne a interação entre duas línguas: Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a primeira de modalidade oral-auditiva, a segunda de modalidade visual-gestual. As noções em volta do signo nos orientam que cada língua se comporta de um jeito singular a partir das leis que regem sua vida semiológica. É importante destacar que a percepção visual é um pressuposto importante para o contexto das línguas sinalizada, pelo fato de que o mundo para os usuários dessa língua se configura por meio dessa experiência, aquilo que para a Língua Portuguesa se denomina palavra, na Libras se configura como sinal.

A Libras é uma língua de modalidade visual-gestual e adquire *status* de língua por apresentar as complexidades encontradas nas línguas humanas, quais sejam, dupla articulação, produção de infinitos enunciados, estão em perpétua mudanças, possuem versatilidade, arbitrariedade, expressividade, dentre outras características (FIORIN, 2015; QUADROS; KARNOPP, 2007). Ainda sobre o ponto de vista das epistemologias, é importante considerarmos que “A linguagem humana é uma mistura livre e infinita de referências à realidade objetiva e de reações às manifestações linguísticas. Ela propicia um substituto da experiência que pode ser transmitido indefinidamente no espaço e no tempo” (FIORIN, 2015, p. 41).

No contexto das línguas de sinais, a produção de sentido se manifesta por meio da percepção visual e da produção visual, assim,

Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode ser articulado com uma ou duas mãos. Um mesmo sinal pode ser articulado tanto com a mão direita quanto com a mão esquerda; tal mudança, portanto, não é distintiva. [...] A língua de sinais brasileira, assim como as outras línguas de sinais, é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenham funções (QUADROS; KARNOPP, 2007, p. 51).

Nossa articulação intenta compreender os processos de tradução do texto literário quando da passagem da Língua Portuguesa para Libras, considerando as entropias que se alocam nas fronteiras discursiva e epistemológica do processo em tela. Por isso, a noção de valor se torna importante nessa reflexão, pelo fato de que os signos que dão sentido à realidade fenomenológica como pontua Fiorin (2019). O valor, portanto, se configura em uma ótica dupla no contexto da tradução, haja vista que “Cada língua tem um sistema particular de valores” (FIORIN, 2019, p.

104). A tarefa do tradutor nesse sentido se desdobra na investigação dos valores em cada língua e suas relações com a cultura, uma vez que não há uma correspondência absoluta entre signos de línguas diferentes (FIORIN, 2019).

Roman Jakobson também ganha lugar de destaque em nossa análise, uma vez que por meio das funções da linguagem, especialmente, a função poética, torna-se possível estabelecer interconexões entre os sistemas linguístico e literário. O fato de a função poética está entrelaçada à mensagem, colocam a linguagem em sua potencialidade/virtualidade sob a ótica do simbólico. Isso nos leva a refletir sobre as configurações da experiência poética no âmbito da Língua Portuguesa e da Libras, lembrando que segundo o autor, há uma relação íntima entre linguagem, cultura e vida social, que retoma o projeto da semiologia. Nesse sentido, a fronteira da tradução ganha lugar enquanto travessia de sentidos, pois o “Rumor da língua” (BARTHES, 2004) atinge sua efetividade na pluralidade, em ecos de uma linguagem cultural e intersemiótica, pois como pontua Roland Barthes, por meio da linguagem literária é percebido o “múltiplo, irreduzível, proveniente de substâncias e de planos heterogêneos, destacados: luz, cores, vegetação, calor, ar, explosões tênues de ruídos, gritos agudos de pássaros, vozes de crianças do outro lado do vale, passagens, gestos, trajes de habitantes aqui perto ou lá longe” (BARTHES, 2004, p. 70).

Essa experiência intersemiótica, dá luz à tradução para as línguas de sinais, pelo fato de elas possuírem o caráter visual em sua potencialidade. Assim, o texto literário se ressignifica ou mesmo se retextualiza de modo a considerar que na Libras sua manifestação se dá por meios de uma performatividade que conhece a expressão das mãos, do corpo e do espaço em que a sinalização acontece, residindo aí, o ético e o estético. É recriado, portanto, o mundo de uma língua para o mundo de outra língua,

assim “Traduzir é, ao mesmo tempo, habitar a língua do estrangeiro e dar hospitalidade a esse estrangeiro no coração de sua própria língua.” (RICOEUR, 1998, p. 15).

TRADUÇÃO LITERÁRIA: FRONTEIRA ENTRE LÍNGUAS E PROCESSOS CULTURAIS

*O texto de
Cervantes e o de Menard
são verbalmente idênticos,
mas o segundo é quase
infinitamente mais rico.
(Mais ambíguo, dirão seus
detratores; mas a
ambigüidade é uma
riqueza.)*

(Jorge Luís Borges)

Em “Pierre Menard, autor de Quixote”, Borges traz à tona um personagem obcecado por Miguel de Cervantes, de tal modo, que intenta criar um *Dom Quixote* não como um palimpsesto a partir do original, mas na tentativa de afigurar-se como o próprio Miguel de Cervantes. Pierre Menard “Não queria compor outro Quixote — o que é fácil — mas o Quixote.” (BORGES, 2007, p. 38). Reside nos meandros do conto, uma crítica que traz luz (ou não) ao processo de tradução literária. Menard, debruça-se ao espanhol da época de Cervantes, aos aspectos históricos e culturais, mas é tentado pelo texto a recair no âmbito da repetição. Gilles Deleuze em *Diferença e Repetição* (2020) remonta o lugar de Borges no seio da representação que coloca a imaginação na esteira do real e problematiza a entropia entre o Quixote de Cervantes e o de Menard, pois “a repetição mais exata, a mais rigorosa, tem, como correlato, o máximo de diferença (O texto de Cervantes e o de Menard são verbalmente idênticos, mas o segundo é quase infinitamente mais rico)” (DELEUZE, 2020, p. 16).

A tradução tem uma importância fundamental na história, em função do caráter da diversidade das línguas. Basta olharmos para Bíblia, o texto mais traduzido no transcurso do tempo. Isso implica dizer que enquanto houver línguas distintas na experiência do homem, a tradução será necessária, além disso, como pontua Michaël Oustinoff (2011, p. 10): “A tradução é mais que uma simples operação linguística: as línguas são inseparáveis da diversidade cultural”. É sob essa ótica que entrelaça a tradução aos aspectos culturais que nos interessa ampliar a discussão relacionando com os pressupostos literários em línguas de sinais.

É digno observar que cada língua configura a realidade de uma forma, o que desafia o tradutor no sentido de empreender intencionalidades que correspondam à realidade de outras línguas (BENJAMIN, 2020). A tradução afigura-se, portanto, enquanto tarefa que maneja o universo da linguagem de forma a (re)instaurar realidades, lutar por ressignificações de textualidades, travar batalhar semânticas, além do dever ético e estético que é ostentado pelo poder do texto original, isso porque do seio da língua reverbera a expressão que dá vida à experiência da linguagem a partir de signos, haja vista que “São eles que dão sentidos à realidade fenomenológica. Não há pensamentos fora dos sistemas de signos que utilizamos.” (FIORIN, 2019, p. 102).

Trazendo para o palco das discussões as funções da linguagem e o quadro geral da comunicação, Roma Jakobson atrela à função estética o canal da mensagem que liga interlocutores. O olhar é ampliado quando das operações da tradução sugeridas pelo linguista, a mensagem, portanto, está sempre em potencial no âmbito das relações comunicativas. Desde a busca por significado na própria língua às outras formas de relações semióticas, que o autor pontua sobre as formas de traduções, quais sejam:

- 1). A tradução intralingual ou reformulação (rewor-ding) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita ‘consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1979, p. 64-65).

É importante destacarmos, que a Língua Brasileira de Sinais é uma língua que se manifesta por meio de signos e, portanto, uma língua verbal. O caráter sonoro é dispensável para configuração da sua vida semiológica, pelo fato fundamental, de existir leis que regem articulação por meio de universais linguísticos. No tocante à tradução interlingual Língua Portuguesa/Libras, se faz necessário a compreensão de como essas línguas são matizadas e estabelecem noções de valor, para, assim, a tradução se tornar uma tarefa viável, pois ainda adverte Jakobson (1979, p. 67): “A faculdade de falar determinada língua implica a faculdade de falar acerca dessa língua. Tal gênero de operação ‘metalingüística’ permite revisar e redefinir o vocabulário empregado.”, considerando ainda as relações sociais e culturais que perfazem essas noções de valor.

Walter Benjamin em “A tarefa do tradutor” (2020) traz à tona de forma bem simbólica que a tradução deve expandir as fronteiras das línguas de modo a primar pelo trabalho com o conhecimento da obra de arte, ponderando acerca do encontro das intencionalidades orientadas para a língua da tradução, a relação íntima que se materializa no encontro das línguas, além da compreensão da aura que existe no interior da obra de arte, para isso:

a tradução, em vez de querer assemelhar-se ao sentido original, deve antes configurar-se, num ato de amor em todos os pormenores, de acordo com o modo de querer dizer desse original, na língua da tradução,

para assim tornar ambos, original e tradução, reconhecíveis como fragmentos de uma língua maior, tal como os cacos são os fragmentos do vaso inteiro (BENJAMIN, 2020, p. 96).

No bojo dessa acepção, Benjamin apresenta ainda a metáfora do oleiro como um requisito para o manejo da narrativa e, por conseguinte, da tradução. Para ele, seria como uma forma artesanal de comunicação, o oleiro-narrador-tradutor não está interessado em transmitir a o “puro em si”, mas sim a constante busca da vida e da produção estética de um texto, levando em consideração que na tradução “a vida do original alcança o seu desenvolvimento [...] mais amplo e sempre renovado” (BENJAMIN, 2020, p. 90). Essas predicções coadunam com os pressupostos de Meschonnic (2010, p. 38) quando a tradução desvela “o trabalho das obras nas línguas e das línguas nas obras.”.

Como quem experiencia um parto, o tradutor empreende-se em trazer à luz materialidades que se constituem a partir de relações e percepções de mundo distintos, e, portanto, a prática de tradução “carrega consigo uma atividade do sujeito que, de sujeito de enunciação, pode tornar-se uma subjetivação no contínuo do discurso, rítmico e prosódico.” (MESCHONNIC, 2010, p. 20). Talvez por isso que as relações entre linguagem, cultura, sociedade, identidade e outros elementos culturais sejam tênues e sempre em esferas de agenciamentos no tocante a tradução (BHABHA, 2013). E no que diz respeito aos contextos literários, os desafios da tradução duplicam-se, pois a literatura enquanto arte “está prenhe de conteúdo, carregada de significado, densa de espiritualidade, embebida de atividades, aspirações, ideias e convicções humanas” (PAREYSON, 1984, p. 61). O processo de tradução ganha inscrição no palco da ficcionalidade. Na mesma medida, “A obra literária, na verdade, está constantemente gerando e violando as expectativas: um jogo mútuo complexo do

que é regular e do que é ocasional, de normas e desvios, de padrões rotinizados e desfamiliarizações dramáticas” (EAGLETON, 2019, p. 155).

Nas palavras de Mia Couto (2011, p. 12) as línguas, às vezes “fazem-nos ser. Outras [...] elas fazem-nos deixar de ser”. As colocações congregam os matizes dos quais as línguas se potencializam no fenômeno literário, já funcionando como lugares particulares da enunciação. O próprio Mia Couto traz à baila as dificuldades que línguas periféricas encontram para consolidar suas expressões na veia da arte literária, isso em função dos contextos socioculturais em que estão inseridas que, por conseguinte, influencia o mercado editorial. No entanto, pontua o autor, “Mas as línguas salvam-se se a cultura em que se inserem se mantiver dinâmicas” (COUTO, 2011, p. 15). Percebemos, portanto, movimentos de resistências tensionando os modos de existir no meio.

Podemos ampliar a discussão do autor para outros contextos também periféricos, quais sejam, os contextos que circunscrevem as expressões literárias que circundam a Libras e a comunidade surda usuária dessa língua. É evidente que há um espaço semiológico duplo, pois duas línguas convivem ou concorrem nessa experiência, o que nos leva para as questões culturais que cada língua congrega ou concorrem em seus sistemas de valor. Para Homi Bhabha (2013) a cultura no mundo contemporâneo está na esfera do além, fazendo com que a característica desse tempo se manifeste por meio de cisões na experiência e agenciamentos que desaguam em hibridismos culturais. Para ele,

Torna-se crucial distinguir entre a semelhança e a similitude dos símbolos através de experiências culturais diversas — a literatura, a arte, o ritual musical, a vida, a morte — e da especificidade social de cada uma dessas

produções de sentido em sua circulação como signos de dentro de locais contextuais e sistemas sociais específicos (BHABHA, 2013, p. 277).

Essas experiências culturais e sociais de que fala Bhabha, deflagra um *status quo* importante e necessário para as relações em vivências minoritárias. Para o professor surdo e artista Cláudio Henrique Nunes Mourão em “Literatura Surda: experiência das mãos literárias” (2016), há uma dimensão ética e estética que perpassam as línguas de sinais como forma de identidade e experiência visual, segundo ele:

Nessa língua podemos identificar os visuais estéticos, que transmitem o prazer e conforto linguístico. Nesse sentido, a língua de sinais provoca emoção, pela beleza das frases estéticas, pelo modo como se manifestam as artes sinalizantes. Literatura é uma herança, articulada à cultura, à comunidade e à língua, como se tivesse em um circuito (MOURÃO, 2016, p. 34).

Esses efeitos estéticos percebidos por um usuário da língua, deve de forma similar, adentrar outras esferas que envolvem a literatura e as línguas de sinais, como a prática da tradução de textos literários, considerando os elementos dos textos literários, suas simbologias e as formas de dizer em língua de modalidade gestual-visual. Como sugerido por Mourão (2016) a visualidade é a essência do fazer literário em Libras; a dimensão estética, portanto, deve considerar as formas de manifestar um texto literário na sua relação com a percepção do mundo nessa língua. Habita nesse olhar específico da visualidade em Libras os pressupostos da figuração da cultura enquanto teias de significado conforme nos apresenta Clifford Geertz (2008), que reflete o cultural sob o viés semiótico, “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (GEERTZ, 2008, p. 4).

Tecer essas teias de significado sob o crivo da tradução é uma aposta difícil, como nos assegura Paul Ricoeur (2011), pelo

fato de existir uma resistência interna nos processos de tradução, que exigem um olhar direcionado quando da passagem de uma realidade cultural para outra. Isso em função da luta de servir a dois senhores “o estrangeiro em sua obra e o leitor em seu desejo de apropriação” (RICOEUR, 2011, p. 22), e continua, “Esse paradoxo concerne efetivamente a uma problemática sem igual, sancionada duplamente por um voto de fidelidade e por uma suspeita de traição” (RICOEUR, 2011, p. 22).

Essas questões devem ser intercambiadas por meio das relações de valor que cada língua estabelece, isso porque

A concepção de valor indica que uma teoria semiológica deve fundamentar-se no estudo das diferenças que criam significados e significantes. Dessa forma, ela aproxima-se de uma descrição da cultura. [...] os valores que geram os significantes variam de linguagem para linguagem” (FIORIN, 2019, p. 105).

A tradução, portanto, se configura como um campo fértil no que tange aos processos que envolvem o texto literário, porque recai naquilo que Barthes considera como trapacear com a própria língua. Nessa atividade reside a questão de que, a passagem de textos de uma língua para outra congrega as diversidades das expressões linguísticas e reconhece a alteridade que há entre tais sistemas (BENJAMIN, 2020), assim, esses pressupostos desdobram-se no seio da ficção, e a literatura afigura-se como testemunha viva das obras e das línguas, inclusive, em contextos de exceção. Nesse sentido, “a tradução tem por finalidade dar expressão à relação mais íntima das línguas umas com as outras” (BENJAMIN, 2020, p. 90).

No tocante às expressões artísticas em Libras, especificamente, a literatura; a pesquisadora Rachel Sutton-Spence em *Literatura em Libras* (2021) traz à baila uma gama de predicções essenciais no que diz respeito às manifestações literárias em Libras. A experiência da arte em Libras ganha

destaque nas potencialidades do significado enquanto plano do conteúdo, isso em função das representações que envolvem a gestualidade, as metáforas visuais, as relações espaciais da sinalização, as expressões faciais, além das performatividades do corpo, para Sutton-Spence (2021, p. 26) “a literatura em qualquer língua de sinais mescla a língua, as imagens visuais e a dança, sendo uma mistura de sinais e gestos, uma literatura do corpo e uma literatura de performance.”.

No bojo dessas colocações, intentamos dizer que as relações intersemióticas são importantes para essa experiência e, portanto, também para a prática da tradução. As diversas formas de manifestação por meio de signos não linguísticos tornam-se essenciais para as correspondências e passagem no contexto da Língua Portuguesa para Libras e vice-versa, por isso as relações intersemióticas são convocadas para o palco da discussão. Desse modo, percebemos que “No ato performático são os conceitos dos elementos literários que se evidenciam em função do povo surdo, para manutenção da tradição em forma de contação das experiências dos sujeitos surdos” (MOURÃO; BRANCO, 2020, p. 52).

A tradução literária no contexto em questão deve considerar que “Seja qual for o assunto, a literatura mostra a perspectiva visual de uma pessoa surda através da língua de sinais.” (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 27), isso implica nos processos de agenciamentos culturais de que aborda Bhabha (2013), pois considera a ótica híbrida que se entrelaça em grupos sociais distintos, o que reflete nas formas de narrar e de existir no mundo contemporâneo. Coadunando com esse ponto de vista, Paul Ricoeur (2011) chama a nossa atenção acerca desse mundo de significações que confere à tradução uma aposta difícil com necessidade de intercâmbios, pois:

Não somente os campos semânticos não se superpõem, mas as sintaxes também não são equivalentes; as formas de construção das frases não veiculam as mesmas heranças culturais; e o que dizer das conotações meio mudas que sobrecarregam as denotações mais precisas do vocabulário de origem e flutuam de certo modo entre signos, as frases, as sequências curtas ou longas (RICOEUR, 2011, p. 25).

É evidente, portanto, que há uma linha tênue que divide o mundo entre línguas e seus aspectos socioculturais e literários. A tarefa do tradutor nesse sentido, empreende-se em intercambiar experiências (BENJAMIN, 2020) de modo a trazer à tona uma hospitalidade “onde o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida de sua própria morada, a palavra do estrangeiro” (RICOEUR, 2011, p. 30).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Roland Barthes (2013, p. 17) nas páginas de *Aula*, pontua que na ausência de disciplinas, a “disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.”. Percebemos que há poderes no âmbito da literatura enquanto representação que torna a percepção múltipla. Aspectos culturais, sociais e identitários, por exemplo, formam uma paisagem que torna a ficção um fenômeno.

O universo da língua ganha sempre novas roupagens quando mergulha no caráter literário. Assim, sob a ótica de compreender as relações entre língua, cultura, literatura e tradução, nos foi dada a possibilidade de refletir sobre as questões que envolvem a passagem de textualidades literárias no âmbito da Língua Portuguesa e da Libras. Dois sistemas com representações singulares, que convocam uma prática de tradução literária pautada em uma agência de alteridades, pois há uma complexidade nesse exercício que deve reconhecer os modos

de ser e de narrar em cada uma das representações. Nessa vereda, a tradução se potencializa na raiz desse reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução e literatura: filosofia, teoria e crítica*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- BORGES, Jorge Luís. Pierre Menard, autor de Quixote. In: BORGES, Jorge Luís. *Ficções (1944)*. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Repetição e diferença*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir dos Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: experiência das mãos literárias*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes; BRANCO, Bruna da Silva. Literatura surda: analisando as mãos literárias do I Sarau Arte de Sinalizar. INES, *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, nº 53, jan-jun, 2020.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: história, teorias e métodos*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RICOEUR, Paul. La marque du passé. *Revue de métaphysique et morale*, n. 1, 1998.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SUTTON-SPENCE, Rachel. *Literatura em Libras*. Trad. Gustavo Gusmão. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.